CORPO FEMININO, DISCURSOS, MEMÓRIA DISCURSIVA E IDENTIDADES: DESFILE DAS ESCOLAS DE SAMBA DO CARNAVAL CARIOCA

Danilo Corrêa Pinto[1]

1. INTRODUÇÃO

Neste texto, propomos analisar, brevemente, como o discurso da mídia produz sentidos para o corpo, neste caso específico, para o corpo feminino do desfile de escolas de samba do carnaval carioca, e como o discurso do carnaval *possibilita* transformações no corpo feminino. Os sentidos produzidos colaboram com um processo de identificação[2] desse tipo de festa carnavalesca com a produção de representações de um corpo feminino apto para a avenida e de um corpo que, pela via da Análise do Discurso, e assim compreendemos, pode ser tomado como espaço de memória discursiva bem como espaço de contradição e (des) construção de identidades. Isso, porque o sentido produzido pela mídia para e com as imagens do que seriam os corpos femininos que estão presentes no desfile de escolas de samba, constituem uma identificação (ou não) por parte do outro; o outro que olha e o outro que se enuncia a partir da diferença do outro.

Assim, pensamos que, a partir dos discursos que interpelam esse processo de (des) construção, as identidades adquirem sentidos e são construídas pela linguagem, pois elas estão em relação a alguém ou algum acontecimento sempre demarcados histórico e ideologicamente.

Com tal processo descrito acima, Woodward (2007) aponta algumas ideias relevantes para se pensar a construção identitária em uma sociedade, além de vermos aí um forte arcabouço para um diálogo que, pelo olhar da Análise do Discurso, é possível ser feito, uma vez que entendemos que tais processos de identidades e, mesmo representações, se dão a partir dos discursos. A autora (Ibdem, p.13) se questiona: "A identidade é fixa? Podemos encontrar uma *verdadeira* identidade?". Em seguida, uma possibilidade de resposta para as perguntas postas por Woodward (Ibdem, p.14) começa a ser tecida.

---

[1] Mestrando em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia. Bolsista Capes. Contato: dam_correa@yahoo.com.br

[2] Para entendermos o que chamamos de processo de identificação e, consequentemente, a construção de identidades, trouxemos para a discussão o pensamento de Kathryn Woodward (2007) pelo qual a autora afirma que tal processo é vinculado à história e às condições sociais e materiais, assim como a identidade é construída a partir da diferença e da relação com outras identidades.

> A identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades [...]. A identidade está vinculada também a condições sociais e materiais. Se um grupo é simbolicamente marcado como o inimigo ou como tabu, isso terá efeitos reais porque o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais [...] O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são "vividas" nas relações sociais.

A contribuição de Woodward incorpora nossa análise discursiva que parte também das considerações teóricas de Michel Pêcheux e do rico diálogo que pode ser feito com os pressupostos de Jean Jacques Courtine que tanto contribuíram para os trabalhos do campo da Análise de Discurso, aqui no Brasil. Gregolin (2008, p.21) destaca o trabalho deste último sobre uma proposta de semiologia histórica, afirmando que, a partir disso,

> Courtine (2003, 2006a) abre caminhos para o estudo das materialidades não-verbais que constituem a historicidade dos discursos. Trata-se, a partir de então, de elaborar as bases de uma semiologia histórica a fim de pensar discursivamente as redes de imagens que constituem a cultura e o imaginário de uma sociedade.

O corpo e a imagem, interpelados por discursos, constituem, sim, uma cultura e um imaginário social que reverberam na produção e circulação de sentidos que *sustentam* as relações sociais. E, portanto, o discurso da mídia sobre e para o corpo feminino no desfile de escolas de samba do carnaval carioca interpela-o como espaço de memória discursiva, espaço de contradição e (des) construção de identidades, já que o corpo é constituído por outros discursos. Mais uma vez trazemos Gregolin (2008, p. 32) para ratificar o que buscamos aqui explicar.

> Ao analisarmos a construção identitária na mídia do ponto de vista da Análise do Discurso, nossa atenção volta-se para as práticas discursivas que criam o "efeito de sentido identidade" em textos híbridos, cuja materialidade é composta pelas linguagens verbal e não-verbal.

Pensamos o corpo como uma materialidade não-verbal, no entanto, apostamos na ideia de Gregolin (2008) ao nos debruçarmos sobre as práticas discursivas que interpelam esta materialidade. Para o procedimento da análise, na qual iremos nos atentar considerando o que já foi posto acima, três imagens foram selecionadas para a discussão que aqui se propõe: o corpo da *Globeleza* como símbolo da transmissão do Carnaval realizada pela Rede Globo de Televisão, a qual detém o direito da cobertura nacional da festa e que a enuncia de um lugar específico, ressaltando o dizer que

“Carnaval é Globeleza”; e outros dois corpos que são apresentados na avenida como legítimos para a festa.

A partir disso, buscamos responder às seguintes questões: 1) Que corpo feminino é este construído pela mídia para o carnaval brasileiro?; 2) Como esses corpos femininos são constituídos discursivamente como espaço de memória, contradições e (des) construção de identidades? No intuito de respondê-las, mas não encerrar qualquer discussão, queremos achar um caminho de leitura dos sentidos produzidos por essas imagens constituídas por e no discurso da mídia em relação ao discurso do carnaval e, de certa forma, como tais sentidos percorrem o processo de (des) construção de identidades.

Imagem 1: Globelezas (2002 e 2012)

Fonte: www.google.com

Imagem 2: Componente da comissão de frente da Beija-Flor de Nilópolis no carnaval 2009

Fonte: *www.uol.com.br/carnaval*

Imagem 3: Musa da escola Acadêmicos do Salgueiro para o carnaval 2012

Fonte: *www.uol.com.br/carnaval*

2. CORPOS QUE *SAMBAM* POR AÍ: UMA JUSTIFICATIVA E METODOLOGIA DE ANÁLISE

Esta proposta de análise, por si só, nos parece complexa e de difícil abordagem. Primeiro por tratar de um acontecimento grandioso e histórico em nosso país, isto é, o carnaval e, segundo, por abordar as imagens dos corpos femininos que circulam sobre

esta manifestação em um local no qual tempo e espaço parecem indeterminados, já que a mídia (seja qual for o tipo), e dialogando com Fredric Jameson, disponibiliza um olhar e uma relação para com o mundo em sentido nostálgico e *en présence*. Guy Debord, em seu grande livro *A sociedade do espetáculo*, nos aponta que a "imagem é a forma final da reificação da mercadoria" e isso, de certa forma, compõe todo um cenário de discussão acerca do moderno, pós-moderno e sociedade de consumo que Fredric Jameson brilhantemente analisa, considerando aí, entre tantas outras fontes relevantes, a indicação de que o pós-moderno se caracteriza e se formaliza em relação ao movimento capitalista que se dá na sociedade. Desse movimento, esse crítico marxista retira uma observação que vai ao encontro de nossa reflexão aqui pretendida, isto é, a transformação da imagem na pós-modernidade e sua influência na cultura e nos processos de construção identitária de uma sociedade.

Não queremos abordar os conceitos de modernidade e pós-modernidade, pois é um assunto que necessitaria de outros olhares e outras páginas, mas como acreditamos que a mídia e o consumo (tanto visual quanto econômico) estão interligados, achamos conveniente ressaltar, rapidamente, as considerações teóricas de Fredric Jameson e Guy Debord para com a produção das imagens e como tais *condições de produção* devem ser elencadas na análise que propusemos realizar tendo em vista que os sentidos produzidos por e nestas imagens são historicamente construídos. Além disso, Gregolin (2008, p.31) a partir do trabalho de reflexão que faz sobre o percurso teórico de Courtine, observa que

> as transformações técnicas dos meios áudio-visuais serão responsáveis pelas mutações das imagens do corpo e, consequentemente, nas representações dos sujeitos. Trata-se, pois, de analisar "os prazeres oferecidos aos olhares pelas imagens, as telas, as cenas, as tribunas de onde se contemplam as metamorfoses atuais do corpo" (Courtine apud Gregolin, 2008, p.11)

Contudo, vemos a necessidade de se entender, antes das técnicas de exibição audiovisuais que capturam as imagens dos desfiles, a própria concepção *ambiental* em que hoje se dá o carnaval no país. Embora a oficialização do carnaval em terras brasileiras tenha se dado em séculos anteriores ao cenário levantado por Jameson, é, precisamente, nesse século de efervescência política e cultural (século XX) que, aqui no Brasil, se tem, inicialmente nas décadas de 1930 e 1940 e, com grande impacto social, cultural e econômico nas décadas de 1970, 1980 e 1990, a composição de um *ideal* de carnaval no Brasil: os desfiles das escolas de samba do carnaval da cidade do Rio de Janeiro. O carnaval ocorre em todo o país, em diferentes formas de festejo, no entanto, muitas vezes, ao se falar em carnaval, a representação mais comum dessa festa é por meio daquela que citamos acima, e que é internacionalmente famosa. As imagens que são produzidas dessa festa e para ela abrem espaço para a constituição de uma

representação mercadológica que posiciona o Brasil em um lugar de destaque em relação às milhares de comemorações carnavalescas ao redor do globo e do próprio território brasileiro. Temos os desfiles de blocos e trio-elétricos em Salvador – BA, as marchinhas de Ouro Preto – MG e o frevo e o maracatu de Recife/Olinda – PE, no entanto, tais "carnavais", diante do *consumismo* da mídia, perdem holofotes para os espetáculos dos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro e também, assim acreditamos, por sobressair nas imagens uma regularidade marcante: o corpo feminino.

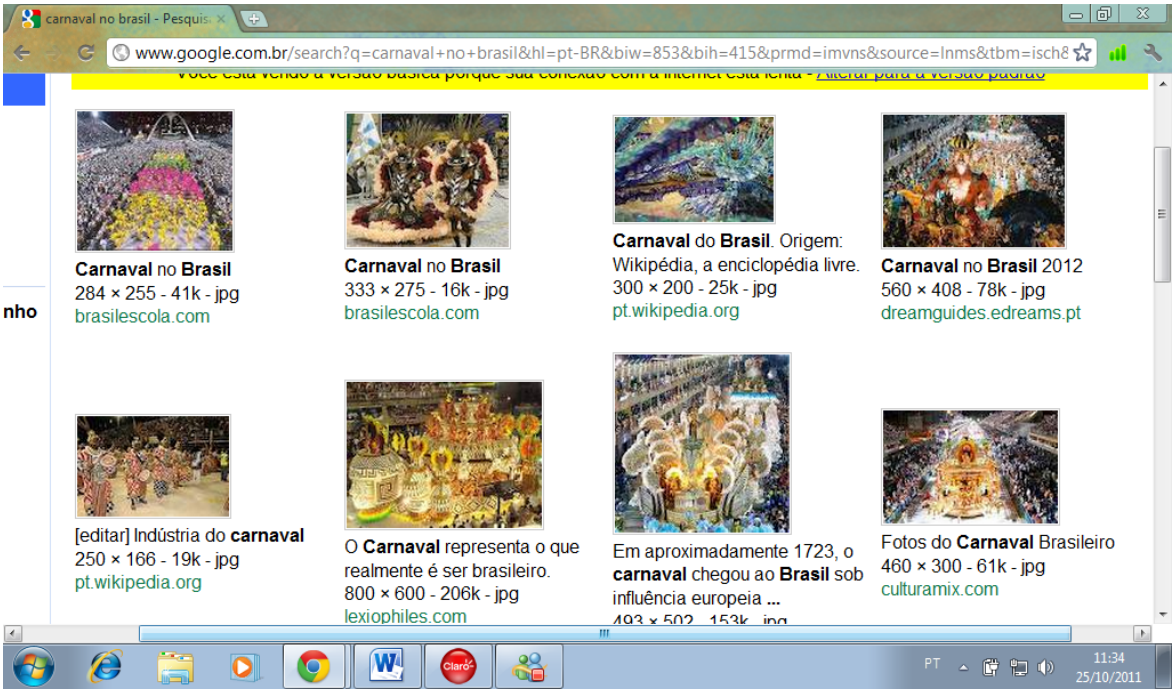
O agenciamento destas imagens na produção visual, histórica e cultural de um grupo ou de uma comunidade específicos, para nós, se dá por meio de discursos que interpelam essa materialidade (o corpo feminino) e produzem sentidos que são "comercializados" por esta sociedade que os consomem como sendo de fato, o sentido último. No entanto, pela Análise de Discurso, sabemos que os sentidos não se findam e que se constituem e se deslocam na história e ideologia. E mais, essas imagens são produzidas e ditas por alguém[3] que as legitima por sua visibilidade nacional (a festa é exibida em horário nobre pela principal emissora de televisão brasileira e tem reportagens garantidas nos principais jornais e revistas brasileiras) e internacional (a festa é também noticiada em jornais e sites estrangeiros). Além de sua projeção internacional, as imagens do carnaval dos desfiles carioca é uma indústria economicamente relevante para a cidade do Rio de Janeiro, pois atrai milhares de turistas todos os anos; turistas estes que acessam as imagens veiculadas na internet sobre a festa carnavalesca brasileira, e mais especificamente carioca, justificando, portanto, nosso interesse em analisar as três imagens descritas acima, já que seu consumo e, com certeza, os sentidos que elas produzem, não se restringem somente ao território brasileiro.

A relação com o olhar do outro, do turista, do expectador e consumidor dessa festa, acaba também por promover a constituição do sentido de produto a ser vendido e consumido. Assim, a festa que seria uma manifestação cultural e *identitária* local ganha traços também de indústria, e como tal, responde também pelos desejos de consumo das imagens apresentadas, da relação sobredeterminante do expectador com a imagem, como discutiria Debord (2003). O carnaval do desfile carioca é a materialização da indústria da imagem, pela imagem, da produção que constitui o expectador e ao mesmo tempo se constitui pela sua presença, uma indústria que vende e veicula imagens de celebridades e de corpos que dançam, desfilam, representam um sentido de carnaval e de festa para o deleite do olhar.

Uma breve mirada em materiais de divulgação (fotos de revistas e jornais online, sites e vídeos) desse carnaval permite ver como, ao mesmo tempo em que há as

3 Tomamos este alguém como uma posição discursiva, isto é, um sujeito que dela enuncia ou também uma instituição que a partir dela se constitui.

alegorias, a grandiosidade de fantasias e carros alegóricos, há também a possibilidade de visualizarmos a exposição dos corpos femininos descritos acima. Uma pesquisa rápida com o termo “carnaval no Brasil”, por exemplo, num dos sites de busca mais utilizados no mundo[4], nos permitiu encontrar as seguintes imagens:



Quadro 1: Parte 1 da primeira tela exibida na busca por imagens sobre “carnaval no Brasil” em site de busca

[4] www.google.com, acesso em 25 de outubro de 2011, 11h30min, horário de Brasília.

Quadro 2: Parte 2 da primeira tela exibida na busca por imagens na internet sobre "carnaval no Brasil"

Quadro 3: Parte 3 da primeira tela exibida na busca por imagens na internet sobre "carnaval no Brasil"

Como é possível observar, na sequência de fotos, e considerando-se que são exibidas pelo site de busca as fotos mais acessadas em primeiro lugar, como critério de seleção para associação com os termos buscados, fica visível que sobressaem as fantasias mais trabalhadas, com riqueza de detalhes e os corpos de mulheres que são passistas ou que saem em carros alegóricos nas escolas de samba; corpos femininos com fantasias que permitem que seus corpos fiquem mais expostos. Essa possibilidade, entretanto, é agenciada no desfile de carnaval, e não em outro momento qualquer de relevância tão grande quanto este.

A partir dessa busca na internet, percebemos que sentidos são produzidos pelas imagens do desfile de escola de samba carioca e que corpos são afetados por esses sentidos e tomados como ponto de circulação e identificação dos sujeitos que acessam tais imagens. Porém, esses sentidos e tal processo são construídos a partir de discursos e entendê-los é o nosso objetivo.

3. CORPOS FEMININOS EM (DES) CONSTRUÇÃO: UMA POSSIBILIDADE CARNAVALESCA?

O corpo em suas formas e nos acessórios que o vestem está sempre relacionado às condições de produção e à pluralidade de discursos que incidem sobre ele e que permitem suas alterações e suas repetições, assim como sua construção imaginária do corpo feminino para o carnaval, ou mais especificamente, o corpo que samba e desfila na avenida. O corpo é interpelado por sentidos que advém de um olhar sócio-histórico e ideologicamente determinado.

Ele é olhado de diferentes maneiras; para nós, de diferentes discursos. Fredric Jameson (2006) aponta ainda que “o olhar é o que estabelece a minha imediata relação com as outras pessoas, mas ele o faz por meio de uma reviravolta inesperada, na qual a experiência de ser olhado se torna primordial e o meu próprio olhar uma reação secundária”. (p.172)

Olhar para os corpos na história nos permite dialogar com a nossa história, e Milanez (2006, p.188-189) aponta que

> o corpo é o meio pelo qual o ser humano pode problematizar o que ele é e o que o movimenta no mundo em que vive. Essas práticas, acima de tudo, corporais é o que poderia se chamar de “artes de existência”, ou seja, práticas reflexivas e voluntárias por meio das quais os homens tanto se fixam regras de condutas quanto buscam transformar-se a si mesmos, modificando – se no que eles têm de mais singular ao seguir uma obra no qual se inserem determinados valores estéticos que respondem a certos critérios de estilo.

Com o “poder” da mídia, do cinema e das imagens sobre o cotidiano humano, percebeu-se a discursivização sobre o corpo, isto é, o corpo que esses lugares vendem é o corpo socialmente aceito e tomado como lugar de recompensas, desejos e, consequentemente, pecados. No entanto, a mídia fala de uma posição discursiva ideologicamente constituída. Possibilidades dos corpos pelo discurso do carnaval são deslocadas e repetidas pela mídia, contudo, o corpo feminino se constitui como o lugar de materialização desse discurso.

As imagens dos corpos femininos são construídas pelo discurso da mídia e, assim, partimos para a tentativa de responder à primeira pergunta que nos irrompe: *Que corpo feminino é este construído pela mídia para o carnaval brasileiro?* Como ponto de partida, acreditamos que o corpo da Globeleza (imagem 1) é um corpo construído por memória discursiva, além de ser um espaço de (des)construção de identidades para os outros corpos. Orlandi (2009, p.31) nos expõe que,

> a memória tem suas características quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.

Do corpo e para o corpo se constrói sentidos que são perpassados pela história do carnaval que se instituiu aqui no Brasil e nos dizeres (ou não) sobre o que o corpo feminino no Brasil é capaz de oferecer em um imaginário que se lança além-mar. No entanto, o corpo da Globeleza também se mostra como o corpo desejado, sensual, mulato e, claro, o corpo que samba. As *medidas certas* para o carnaval. Porém, o corpo também se constituí como espaço de contradição ao analisarmos as imagens 2 e 3 que são corpos que desfilam na avenida sendo que um corpo traz as características de um corpo feminino (imagem 2 que é um corpo travestido para o feminino) e um outro corpo se caracteriza por ser essencialmente feminino (imagem 3). Percebemos, assim, que o corpo se torna espaço e também é construído a partir deste espaço de contradição, uma vez que discursos o interpelam. Nas imagens 2 e 3 vemos dois corpos obesos; corpos que pelo discurso da medicina são *problemáticos* e não aptos a desenvolverem tarefas que corpos esteticamente trabalhados, como o da Globeleza, podem desenvolver. Gregolin (2008, p.30) traz Courtine que assim expõe:

> o corpo é entendido como uma construção histórico-social por meio da qual delineia-se o auto-governo do corpo (Courtine, 1993) e desvelam-se tanto os modelos de beleza quanto o que pode ser tomado como doentio, diabólico ou monstruoso no *verdadeiro* de determinada época (Courtine, 2002;1996a;1996b) em relação ao corpo físico na contemporaneidade.

Assim, salientamos que o corpo da Globeleza é um corpo construído pelo discurso da mídia e um corpo construído a partir de um imaginário que se identifica com o outro, isto é, com os sujeitos que olham de diferentes posições discursivas. O discurso da mídia colabora com a difusão de um corpo feminino que generaliza os sentidos para os outros corpos; corpos estes que são posicionados em um lugar e deslocados para outros; corpos estes que se inscrevem em uma memória discursiva.

Para a segunda questão, isto é, *como esses corpos femininos são constituídos discursivamente como espaço de memória, contradições e (des) construção de identidades?*, que complementa a primeira questão aqui colocada, partimos do pressuposto de que o corpo é uma espaço de construção e desconstrução de identidades, embora saibamos que, para nós, a identidade não se evidencia, pelo contrário, ela é criada; é relacional. Mais uma vez, Woodward (2007, p.15) afirma que "o corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade – por exemplo, para a identidade sexual". No entanto, essa construção de uma identidade se dá por meio do discurso; pela presença do outro, conforme Pêcheux (2008, p. 54) nos mostra

> é porque há o outro nas sociedades e na história, correspondente a esse outro próprio ao linguajeiro discursivo, que aí pode haver ligação, identificação ou transferência, isto é, a existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar. E é porque há essa ligação que as filiações históricas podem-se organizar em memórias, e as relações sociais em redes de significantes

Dessa maneira, o corpo feminino do desfile de escolas de samba é um espaço de construção e desconstrução de identidades por sujeitos, pois ele é interpelado pela história e por dizeres do corpo feminino (em relação ao corpo feminino brasileiro) que o posicionam em uma determinada posição discursiva. O discurso da mídia faz esse movimento em relação ao corpo da Globeleza e aos corpos femininos que as câmeras buscam captar durante o desfile. No entanto, o corpo é também um espaço de contradição, pois ele é constituído por discursos e embora o discurso da mídia advenha de uma posição específica, as imagens veiculadas mostram que o próprio discurso se constitui por outros e se *contradiz.*

Nas imagens 2 e 3 vemos que os corpos femininos são diferentes do corpo predominantemente veiculado pela mídia. Suas medidas, suas composições, sua irreverência, suas vestimentas, seu travestimento e o próprio distanciamento da câmera para esse corpo feminino que também sabe desfilar são ocorrências constituídas por discursos que o interpelam em espaços de contradição e (des)construção de identidades. O corpo obeso, motivo de risos e extravagância, diferente do lugar de beleza, riqueza e

saúde em que assumira durante séculos anteriores, se constitui quando o discurso da medicina o interpela. Assim, o corpo que não possui as medidas necessárias e saudáveis é, por si, um corpo irreverente. Seria o caso do corpo obeso? Porém, percebemos que o discurso do carnaval possibilita esses corpos aparecerem; possibilitam que esses corpos femininos construam e desconstruam identidades a partir de uma contradição de representação construída pelo discurso da mídia e pelo discurso do carnaval - lugar das transformações, para o bem ou para o mal, do corpo feminino. Ser gordo ou magro, rico ou pobre, negro ou branco, homem ou mulher, vestido ou nu no desfile de escolas de samba carioca é uma possibilidade agenciada pelo discurso do carnaval, portanto, uma possibilidade na e pela história desse tipo de festa. Essa possibilidade se torna melhor esclarecida quando nos deparamos com o corpo da imagem 2; um corpo do carnaval.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela representação criada pelo discurso da mídia e do carnaval em relação a esses corpos femininos e como ela se processa dentro de uma formação identitária, Woodward (2007, p.17) nos mostra que

> a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentidos à nossa experiência e àquilo que somos" ... A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem sou eu? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.

A partir desse movimento de representação/identidade para os corpos femininos, acreditamos que o discurso da mídia produz sentidos outros sobre essa festa tão característica ao país e que, no caso das escolas de samba cariocas, foca, concomitantemente, o espetáculo e o corpo feminino (não se restringindo somente à mulata). Pelo discurso do carnaval, o corpo feminino na avenida é colocado em cena; é tirado de cena; é repetido, apagado, diferenciado, ironizado, travestido, transexualizado, sexualizado, erotizado, desejado, proibido; é um espaço em que "é considerado em sua complexidade histórica, e não apenas como sendo ora o lugar de todos os pecados ou de grandes virtudes, ora um território aberto a sérios riscos e sedutoras recompensas" (SANT'ANNA, D.B., 2005, p.10).

O corpo feminino da avenida, portanto, se constitui pelo/no discurso e pelas memórias que estão ditas ou não nas imagens dessa festa, além de ser um espaço de (des) construção de identidades, pois as imagens que veiculam destes corpos são

olhadas por diferentes sujeitos. Por fim, esses corpos femininos e suas respectivas imagens são veiculados e produzidos para uma sociedade do espetáculo na qual discursos constroem sentidos para os corpos, mesmo que breve, encantador e nostálgico, como um grande desfile de carnaval

REFERÊNCIAS

COURTINE, J.J., CORBIN, A., VIGARELLO, G. (orgs). **História do corpo**: As mutações do olhar. O século XX. Vol.III. Petrópolis – RJ: Vozes, 2008.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. EbooksBrasil.com, 2003.

GREGOLIN, M.R. J.-J. Courtine e as metamorfoses da Análise do Discurso: novos objetos, novos olhares. In: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M.R. (orgs). **Análise do Discurso: heranças, métodos e objetos**. São Carlos – SP: Editora Claraluz, 2008, p.21- 36

JAMESON, F. **A virada cultural: reflexões sobre o pós-moderno**. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2006.

MILANEZ, N. **As aventuras do corpo**: dos modos de subjetivação às memórias de si em revista impressa. Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho – UNESP: Araraquara – SP, 2006.

ORLANDI, E. **Análise de discurso**: princípios e parâmetros. 6ª Ed. Campinas – SP: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, M. **O Discurso**: Estrutura ou Acontecimento. Trad. E. P. Orlandi.5 ª Ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2008.

SANT'ANNA, D. B. (org.) **Políticas do corpo**: elementos para uma história das práticas corporais. 2ª Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: DA SILVA, T.T. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 7ª Ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2007, p. 7-72